



### III Simposio Internacional de historia de la electrificación. Ciudad de México, Palacio de Minería, 17 a 20 de marzo de 2015

## **PAISAGEM REVELADA: IMAGENS E REPRESENTAÇÕES DA CIDADE IMPULSIONADA PELA ENERGIA ELÉTRICA**

Doralice Sátyro Maia  
Universidade Federal da Paraíba – Brasil  
[doralicemaia@pq.cnpq.br](mailto:doralicemaia@pq.cnpq.br)

#### **Paisagem revelada: imagens e representações da cidade impulsionada pela energia elétrica (Resumo)**

A instalação da energia elétrica provoca alterações na morfologia, na estrutura e na organização da cidade e ainda na vida urbana. Na Cidade da Parahyba, nos primórdios do século XX observam-se alterações na sua morfologia quando são introduzidas as duas novidades técnicas: a energia elétrica e o transporte por bonde elétrico que modificam as principais ruas da cidade. Tem-se neste momento mudanças no traçado das ruas, na disposição das praças e dos largos, como também alterações na vida cidadina. Transformações estas que se revelam na paisagem urbana e que podem ser analisadas a partir das imagens fotográficas. A pesquisa tem como objeto de análise a paisagem da Cidade da Parahyba – Brasil apreendidas a partir das imagens fotográficas. O recorte temporal estende-se da primeira década do século XX quando se iniciam os contratos para a prestação do serviço de energia elétrica e do transporte movido à eletricidade na década de 1930 quando são realizadas reformas urbanísticas.

**Palavras-chave:** paisagem, morfologia urbana, energia elétrica, Cidade da Parahyba.

#### **Paisaje revelado: imágenes y representaciones de la ciudad impelida por la electricidad (Resumen)**

La instalación de la red eléctrica conlleva cambios en la morfología, en la estructura y en la organización de la ciudad, y por lo tanto, en la vida urbana. En la ciudad de Parahyba, al comienzo del siglo XX, se observaron alteraciones en su morfología cuando se introdujeron dos novedades técnicas: la energía eléctrica y el transporte por tranvía que modificaron las calles más importantes de la ciudad. Hubo en ese momento cambios en el diseño de las calles, en la disposición de las plazas y manzanas, como en la vida cidadina. Transformaciones que se revelan en el paisaje urbano y que pueden ser analizadas desde imágenes fotográficas. La investigación tiene como objeto de análisis el paisaje de la Ciudad de Parahyba - Brasil realizada a partir de fotografías. Fueron investigadas las tres primeras décadas del siglo XX, cuando se iniciaron los contratos para la instalación de la red eléctrica y del tranvía eléctrico y se llevaron a cabo las reformas urbanísticas para tal.

**Palabras clave:** paisaje, morfología urbana, red eléctrica, Ciudad de Paraíba.

### **Landscape revealed: images and representations of the electricity-driven city (Abstract)**

The settlement of electrical power causes changes in the morphology, structure, and organization of the city, and in urban life as well. In the city of Parahyba, on the early days of the twentieth century, alterations are known to have occurred in its morphology by the time that two technical novelties were introduced: electrical power and the electrical streetcar, modifying thus the main roads of the city. By that moment, changes as for the layout of city roads, arrangements and formation of squares, as well as alterations in city life were visible. Indeed, these transformations turned out to be quite noticeable in urban landscape and analyzed out of photographic images. This research seeks to analyze the landscape of the City of Parahyba – Brazil, captured from these photographic images. The referred study covers the first decade of the twentieth century, when electricity service contracts were started, and the 1930's, when electricity-run transportation aroused and urbanistic restorations were made.

**Key-Words:** Landscape, Urban Morphology, Electrical Power, City of Parahyba.

Desde o século XIX que as técnicas modernas alteram a estrutura, a morfologia e também a vida urbana. No Brasil, no século XIX, algumas cidades recebem iluminação, sendo a princípio a base de óleo (baleia, mamona, entre outros produtos), posteriormente a gás e já no final do Dezenove se introduz a eletricidade.

Segundo documentos do arquivo do Clube de Engenharia organizados pelo Centro da Memória da Eletricidade no Brasil (2001), a primeira experiência com a utilização da iluminação elétrica “com lâmpadas incandescentes do inventor norte-americano Thomas Edison” no Brasil, data em dezembro de 1881 na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Império<sup>1</sup>. O acontecimento deu-se com a presença do imperador D. Pedro II: “o prédio do Ministério da Agricultura, situado no largo do Paço (atual Praça 15 de Novembro), foi iluminado por sessenta lâmpadas incandescentes fornecidas pela Edison Electric Company. A iluminação do prédio ocorreu na abertura da Exposição Industrial, organizada pela Associação Industrial<sup>2</sup>”. Tal experiência foi estudada por uma comissão técnica com o objetivo de expandir a iluminação às residências. Em 1882 recebe iluminação elétrica a estação central da Estrada de Ferro D. Pedro II. Contudo, neste mesmo ano, um problema no dínamo de 10 HP instalado na Associação Industrial no prédio do Ministério da Agricultura interrompe o funcionamento da iluminação elétrica. Já no ano de 1884 utiliza-se o sistema Weston para a iluminação elétrica dos largos do São Francisco e do Rosário, ambos localizados também na capital imperial. Estes são os primeiros registros da história da iluminação elétrica no Brasil. Tais experiências se concretizam com investimentos do capital estrangeiro, intensificando-se e dissipando-se por outras capitais nos primórdios do século XX.

A introdução da energia elétrica não se dá de forma isolada. Se a princípio esta inovação tinha como objetivo apenas a iluminação, em 1879 as descobertas de Thomas Edison ampliam a sua utilização uma vez que facilitava a transmissão e a flexibilidade de energia. Como escreve Saes

<sup>1</sup> Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, 2001, p. 39.

<sup>2</sup> *id. Ibidem*

(2010): a “energia não mais precisaria ser produzida no mesmo local de produção e a perda de energia elétrica, ampliava-se a condição para a formação de novos processos, como das indústrias química e siderúrgica, e da utilização de motores de combustão interna e de meios de comunicação mais eficientes”<sup>3</sup>.

As inovações eram divulgadas e assimiladas pelo mundo de forma bastante intensa e rápida. Neste período, quando se alteram as relações espaço e tempo que caracterizam o que alguns autores, tais como Berman (1986) e Lefebvre (1969) denominam de Modernidade. No final do XIX e mais efetivamente no século XX, “o processo de modernização parece abarcar virtualmente o mundo todo”<sup>4</sup>. Para os autores, o século XX destaca-se pela intensidade de transformações que atinge de forma direta a vida das pessoas, particularmente após a guerra quando se estimulam a produção e a pesquisa tecnológica. De acordo com Lefebvre (1969), as novas técnicas criadas e/ou aplicadas durante a guerra, a exemplo da eletricidade, do automóvel e do avião, começam a atingir a vida cotidiana.

Observa-se que tanto Berman (1986) como Lefebvre (1969) destacam a ruptura no processo histórico. Rompe-se a continuidade, instala-se o descontínuo. Entendendo-se que “a consciência do descontínuo, com o que eles implicam de ameaçador à evolução, entrem desde agora na Modernidade”<sup>5</sup>.

Berman (1986) identifica os “timbres e ritmos peculiares da modernidade do século XIX” e destaca a “nova paisagem” como a primeira coisa a ser observada. Esta se diferencia da que a antecede pela forma, pelos novos elementos e também por uma outra dinâmica. Descreve o autor:

Trata-se de uma paisagem de engenhos a vapor, fábricas automatizadas, ferrovias, amplas novas zonas industriais; prolíficas cidades que cresceram do dia para a noite, quase sempre com aterradoras consequências para o ser humano; jornais diários, telégrafos, telefones e outros instrumentos de *media*, que se comunicam em escala cada vez maior; Estados nacionais cada vez mais fortes e conglomerados multinacionais de capital; movimentos sociais de massa, que lutam contra essas modernizações de cima para baixo, contando só com seus próprios meios de modernização de baixo para cima; um mercado mundial que a tudo abarca, em crescente expansão, capaz de um estorrecedor desperdício e devastação, capaz de tudo exceto solidez e estabilidade<sup>6</sup>.

As alterações na paisagem e na vida urbana provocaram intensas sensações descritas por escritores e poetas do período. O denominado turbilhão de acontecimentos, de novas técnicas, objetos e também de pessoas que passaram a transitar pelas ruas foi tema de textos literatos e poesias, mas também de produções teóricas e filosóficas. Se muitos se encantaram com as novidades, outros manifestaram angústia, insegurança e sentimentos contraditórios, como bem expressa Marx:

Em nossos dias, tudo parece estar impregnado do seu contrário. O maquinário, dotado do maravilhoso poder de amenizar e aperfeiçoar o trabalho humano, só faz, como se observa, sacrificá-lo e sobrecarregar-lo. [...]. Na mesma instância em que a humanidade domina a natureza, o homem parece escravizar-se a outros homens ou à sua própria infâmia. Até a pura luz da ciência parece incapaz de brilhar senão no escuro pano de fundo da ignorância. Todas as nossas invenções e

<sup>3</sup> Saes, 2010, p. 70.

<sup>4</sup> Berman, 1986, p. 16.

<sup>5</sup> Lefebvre, 1969, p. 211.

<sup>6</sup> Berman, 1986, p. 19.

progressos parecem dotar de vida intelectual às forças materiais, tornando estúpida a vida humana ao nível da força material.<sup>7</sup>

Vários são os inventos que surgem no decorrer do século XIX e que vão se disseminando pelo mundo alterando as paisagens, de maneira mais enfática a paisagem urbana. O trem, os trilhos, o apito, as estações, o telégrafo, os horários, a velocidade, modificam a relação espaço-tempo e se imprimem nas paisagens, desde aquelas das cidades de onde se desencadeou o processo de industrialização e urbanização até mesmo aquelas localizadas em territórios distantes. No território brasileiro, os “portos, lugar de solidariedade entre navios, rotas de navegação e zonas produtivas, as ferrovias, as primeiras estradas de rodagem e usinas de eletricidade permitiram a constituição dos primeiros sistemas de engenharia<sup>8</sup>”. Tal assertiva complementa-se com a ideia de Santos (2002) de que a “cada lugar geográfico concreto corresponde, em cada momento, um conjunto de técnicas e de instrumentos de trabalho, resultado de uma combinação específica que também é historicamente determinada”<sup>9</sup>.

Assim, a técnica materializa-se no espaço e revela-se na paisagem. Paisagem entendida enquanto produto social, “resultado de uma acumulação de tempos”, em que para “cada porção do espaço, essa acumulação é diferente: os objetos não mudam no mesmo lapso de tempo, na mesma velocidade ou na mesma direção”<sup>10</sup>

A eletricidade, ou a luz elétrica é uma invenção técnica, mas também um “símbolo” da Modernidade que invade a rua, o trabalho, o lazer, a cotidianidade. Mas também separa e recorta a cidade, as ruas, os edifícios, os monumentos e intensifica a artificialidade<sup>11</sup>. A instalação da energia elétrica provoca alterações na morfologia, na estrutura e na dinâmica da cidade, por conseguinte na vida urbana. Tais alterações, como já afirmado anteriormente se traduzem na paisagem, que por sua vez é revelada por um outro elemento técnico: a fotografia.

<sup>7</sup> Tradução livre. Citação original: “On the one hand, there have started into life industrial and scientific forces, which no epoch of the former human history had ever suspected. On the other hand, there exist symptoms of decay, far surpassing the horrors recorded of the latter times of the Roman Empire. In our days, everything seems pregnant with its contrary: Machinery, gifted with the wonderful power of shortening and fructifying human labour, we behold starving and overworking it; The newfangled sources of wealth, by some strange weird spell, are turned into sources of want; The victories of art seem bought by the loss of character.

At the same pace that mankind masters nature, man seems to become enslaved to other men or to his own infamy. Even the pure light of science seems unable to shine but on the dark background of ignorance. All our invention and progress seem to result in endowing material forces with intellectual life, and in stultifying human life into a material force.” (Marx/Engels Speech at anniversary of the People’s Paper. Selected Works, Volume One, p. 500).

<sup>8</sup> Santos e Silveira, 2001, p. 33.

<sup>9</sup> Santos, 2002, p. 56.

<sup>10</sup> Santos, 1986, p. 38.

<sup>11</sup> Lefebvre, 1969.

## A fotografia: inovação técnica que exalta a natureza e difunde a paisagem da cidade moderna

Dentre as grandes invenções do século XIX destaca-se a fotografia. Esta desempenha importante papel inovando a informação e o conhecimento, além de constituir-se um elemento artístico.

A partir de 1839, ano em que foi oficializada a criação da fotografia, e as primeiras décadas do século XX, imagens fotográficas de paisagens e de cenas urbanas foram realizadas em cidades de várias partes do mundo. O universo citadino era objeto de especial atenção por parte dos fotógrafos. Kossoy (2001) ao escrever sobre história e fotografia ressalta que desde a sua invenção e durante toda a segunda metade do século XIX os temas mais solicitados aos fotógrafos eram: “paisagens urbana e rural, a arquitetura das cidades, as obras de implantação das estradas de ferro, os conflitos armados e as expedições científicas, a par dos convencionais retratos de estúdio [...]”<sup>12</sup>

Considerada como um avanço da técnica conhecida como fisionotráfico<sup>13</sup>, a técnica que a precede diretamente é a do daguerreotipo<sup>14</sup>. Tem-se o registro de uma das primeiras publicações com fotolitografias produzidas a partir da técnica do daguerreotipo: *Excursions daguerriennes. Vues et monuments les plus remarquables du globe*. Esta obra exibía imagens de paisagens de vários lugares – Egito, Grécia, Síria, Espanha, Rússia, etc. Trata-se, pois de uma publicação em que se divulga a técnica (daguerreotipo), o produto (a imagem) e também as diferentes paisagens. Além disso, Brizuela (2012) destaca o fato de que a partir da divulgação da nova técnica surge um “novo cidadão: o homem comum, que agora podia correr o mundo e fotografá-lo”<sup>15</sup>.

No Brasil Imperial, mais efetivamente durante o segundo império, há um estímulo ao registro fotográfico da capital imperial como também do território brasileiro. Ainda na década de 1840 as principais capitais brasileiras – Rio de Janeiro, Recife e Salvador – foram retratadas por fotógrafos viajantes. Tais registros possibilitaram que se visualisassem e conhecessem as terras brasileiras, tanto em outros países, como pelos próprios brasileiros que pouco sabiam sobre o que havia além da terra natal. Nas décadas subsequentes, 1850 e 1860 se desenvolvem os primeiros projetos com o objetivo de fotografar as paisagens brasileiras. Citam-se os trabalhos de Revert Henrique Klumb com as imagens do Rio de Janeiro e do trajeto Petrópolis – Juiz de Fora; as imagens de Olinda e da construção da ferrovia Recife – São Francisco produzidas por Augusto Stahl e os registros de Marc Ferrez que se dedica a fotografar o Império, sendo posteriormente contratado para trabalhar na Comissão Geográfica e Geológica. Muitas dessas imagens foram comercializadas em estúdios fotográficos que normalmente eram livrarias, gráficas e estúdios fotográficos. Além da comercialização e do aparecimento dos estúdios fotográficos que

<sup>12</sup> Kossoy, 2001, p. 26.

<sup>13</sup> Fisionotráfico de acordo com Freund (1989) não é responsável pelo surgimento da fotografia, no entanto, considera-se “o seu precursor ideológico”. O fisionotráfico corresponde à “produção em série de retratos, a preços acessíveis à pequena e média burguesia, que encontra neste elemento uma maneira de cultuar o indivíduo. (Lira, 1997, p. 26).

<sup>14</sup> Este instrumento “tinha como suporte uma chapa cuja produção era difícil e consumia muito tempo. Uma folha de cobre era revestida com uma fina camada de parata e em seguida polida até a superfície ficar parecida com um espelho”. O produto final era um tipo de “chapa fotográfica”. As chapas fotográficas para ficarem prontas exigiam um tempo longo de exposição e ainda precisavam ser montadas “sobre um suporte de vidro, o que as deixava extremamente frágeis, razão por que, em geral, eram protegidas em caixas elaboradas, como estojos ou molduras rígidas”. Brizuela, 2012, p. 33.

<sup>15</sup> Brizuela, 2012, p. 37.



divulgavam a fotografia, nas Exposições Nacionais e Universais havia setores para a sua exposição.

Na Exposição Nacional de 1866 havia retratos de pessoas, mas a maior atração estava nas imagens intituladas de “panoramas”, “diversos panoramas para álbuns” e/ou “álbuns”. Um dos destaques “foram os panoramas de George Leuzinger, que ganhariam prêmios na Exposição Universal de Paris em 1867”<sup>16</sup>. Natalia Brizuela na mesma obra alerta para a evidente necessidade de se “visualizar o Império” na segunda metade do século XIX. Tal evidência pode ser constatada tanto pelo apoio que d. Pedro II concede aos fotógrafos, como também por patrocinar e impulsionar o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, como também os literatos do romantismo, a exemplo do poeta Gonçalves Dias que foi um dos delegados brasileiros na mencionada exposição. O projeto de divulgar o Brasil através de imagens que se inicia nas exposições dos anos 1860 ganha força e se concretiza também na Exposição Universal de Paris de 1889. Para esta exposição, “o Império brasileiro enviou, entre outros itens, um álbum fotográfico monumental, que compilava o trabalho de inúmeros fotógrafos. O enorme *Álbum de vistas do Brasil* era apenas uma parcela dos trabalhos fotográficos exibidos nos pavilhões brasileiros. Não havia local específico para a exibição de fotografias do Império, como fora o caso em Exposições Universais anteriores. Em vez disso, havia fotografias penduradas por toda parte, cobrindo as paredes de dois pavilhões”. Interessante a observação da autora sobre esta exposição: “O Brasil moderno e paradisíaco que surge nas fotografias de Marc Ferrez, entre tantos outros que aparecem no *Álbum de vistas do Brasil*, de 1889, atingiu seu ponto mais alto de visibilidade precisamente no momento em que o país se movia em direção aos sonhos republicanos”<sup>17</sup>.

No Brasil republicano as imagens que inicialmente se diferenciam são as que registraram o Conflito de Canudos descrito por Euclides da Cunha em *Os Sertões*. Defensor e republicano, o então engenheiro torna-se repórter do jornal *O Estado de São Paulo* cuja missão era a de estudar a região onde o conflito se dava – norte da Bahia - e noticiar os acontecimentos. Neste momento vivem-se os primórdios do governo republicano cujo lema da ordem e do progresso precisa ser legitimado. Tratava-se de por ordem no território para que as técnicas modernas pudessem ser implementadas no intuito de fortalecer o Estado<sup>18</sup>.

Dessa forma, a fotografia já utilizada no império para divulgar a diversidade e a riqueza do território brasileiro é um recurso também usado no governo republicano para mostrar o domínio sobre a desordem, estabelecendo a ordem e expandir o progresso sobre terras ainda presas ao arcaico.

Na então Província da Parahyba do Norte, como na maioria das províncias do território brasileiro, a fotografia chega, na segunda metade do século XIX através dos viajantes fotógrafos que saíam noticiando o novo invento. Segundo Lira (1997), a fotografia mais antiga até então registrada na

<sup>16</sup> Brizuela, 2012, p. 55.

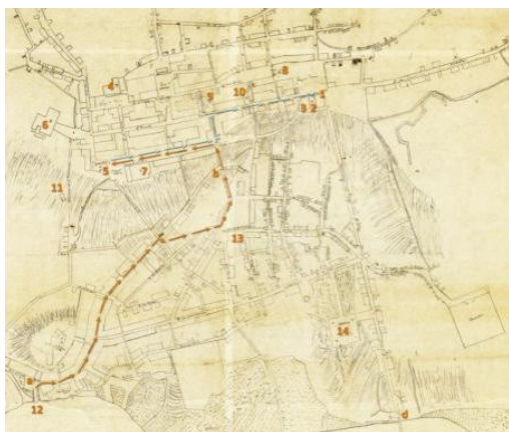
<sup>17</sup> Brizuela, 2012, p. 56 - 57.

<sup>18</sup> Natalia Brizuela analisa as imagens fotográficas feitas por Flávio de Barros do cadáver do Antonio Conselheiro como também a de D. Pedro II de autoria de Joaquim Pacheco. Escreve a autora: “Na Campanha de Canudos, a República tentou ocupar física e simbolicamente a região inabitável do sertão, mas também quis exibir seu poder contra a última influência do regime anterior, chefiado por d. Pedro II. Retratado como um homem velho, mesmo quando ainda tinha vinte e poucos anos, o imperador aparecia – em moedas, estátuas, litografias, pinturas e fotografias – com grande barba, sua marca registrada. [...]” (Brizuela, 2012, p. 183).

citada província data de 1850, um retrato e o primeiro anúncio de um fotógrafo é publicado em jornal local em 1856. Bertrand Lira em “Fotografia na Paraíba” justifica a periodização por ele adotada:

Tomo como ponto de partida esse ano [1850], tendo como referência a foto de Samuel Hardman (fotógrafo anônimo), publicada no livro ‘Roteiro sentimental de uma cidade’, de Walfredo Rodriguez [...]. A fotografia, presumivelmente tomada em 1850, tem boa qualidade e mostra o súdito inglês e ‘tronco de importante família paraibana’ sentado, elegantemente vestido e segurando um livro com uma das mãos. [...]. Na única fotografia creditada em seu livro, Rodríguez [...] atribui a autoria da ‘vista da Rua Nova, assim chamada desde os alvares de 1585 e tirada em 1877’ ao capitão de Milícias Emiliano Rodríguez. O capitão certamente aprendeu o ofício com um dos fotógrafos que aqui se estabeleceu temporariamente e pode ter sido também dum dos autores de outras vistas da cidade publicadas na referida obra”<sup>19</sup>.

A rua a que se refere Lira, a Rua Nova é a primeira via aberta para a criação da cidade em 1585. Esta via torna-se juntamente com a Rua Direita, as mais importantes ruas da cidade, ambas localizadas na área denominada de Cidade Alta<sup>20</sup>. (Figura 1).



Legenda: 1) Palácio do Governo ; 2) Igreja do Colégio ; 3) Lyceu Provincial ; 4) Igreja e Convento do Carmo ; 5) Igreja Matriz ; 6) Convento e Igreja de São Francisco ; 7) Igreja e Mosteiro de São Bento ; 8) Igreja de N. Sra. das Mercês ; 9) Igreja e Santa Casa da Misericórdia ; 10) Igreja de N. Sra. do Rosário ; 11) Casa da Pólvora ; 12) Cais do Varadouro ; 13) Quartel de 1ª linha ; 14) Cadeia ; “a”, “b”, “c” e “d”) arcos triunfais erguidos para a recepção de Suas Majestades Imperiais ; trajeto de “12” a “5” : do desembarque ao *Te Deum*, na Ig. Matriz ; trajeto de “5” a “1”, passando por “c” : do *Te Deum* ao Palácio.

**Figura 1: Detalhe da Planta da Cidade da Parahyba, s.d [1858?]**

“Provavelmente se trata da planta encomendada pelo presidente Beaurepaire Rohan ao engenheiro militar Alfredo de Barros Vasconcellos em 1858, pois nela não constam algumas ruas abertas a seu mando, no segundo semestre daquele ano”. O traçado em cor mais escura corresponde ao trajeto a ser realizado pelo Imperador, partindo do Cais do Porto. A figura revela a topografia, no primeiro plano o rio Sanhauá, braço do rio Parahyba (Cidade Baixa) e no segundo plano a declividade do tabuleiro sedimentar. Na parte superior da figura visualiza-se o traçado das ruas da Cidade Alta. Fonte: Setor de Cartografia, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (ARC.017,07,021on).

<sup>19</sup> Lira, 1997, p. 31. (Grifos do autor).

<sup>20</sup> Assim como a maioria das cidades de origem portuguesa, a atual cidade de João Pessoa na Paraíba, Nordeste do Brasil, foi criada por determinação da coroa portuguesa em 1585. A escolha do sítio – tabuleiro sedimentar e planície fluvial – confere à tradição portuguesa de fazer cidade, onde se ergue a Cidade Alta com os templos religiosos, sedes administrativas e principais residências e a Cidade Baixa na planície fluvial. Nesta área se instalava o porto, os armazéns, o comércio e algumas residências para a população de menor poder aquisitivo. (Cf. Maia, 2000).

A primeira imagem da cidade assinalada por Lira (1997) e por Walfredo Rodriguez (1994 [1962]) mostra a Rua Nova sem pavimentação, com passeios estreitos, as residências conjugadas, destacando-se a igreja matriz ao fundo e no lado esquerdo da imagem, a torre da igreja de São Bento. (Figura 2).



**Figura 2: Rua Nova, 1877.**  
Fonte: Rodriguez, 1994 [1962]).

Utilizando-se alguns dos ensinamentos metodológicos de Kossoy e de Brizuela para a análise da fotografia como fonte histórica, considera-se que toda “fotografia é um resíduo do passado”, ou seja, um “artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente”. Mas isto não significa que a fotografia seja sinônimo da verdade ou mesmo da realidade, pois ela também é uma “invenção” e/ou mesmo uma “mentira”: “Apanhada entre o material e o espectral, a fotografia contém uma pegada ou vestígio de seu referente, mas nunca é – como qualquer objeto que emerge das câmaras sombrias de um sonho – o próprio objeto.”<sup>21</sup>

A fotografia compõe o conjunto de elementos que representam o novo, o moderno no período já anteriormente mencionado, a Modernidade. Ao ser levada e apresentada ao público nas mais diferentes localidades, tanto as pessoas começam a desejar o seu retrato, como os gestores passam a contratar fotógrafos para registrarem os territórios e particularmente as cidades que administram, ou melhor, os territórios do “seu” poder. Evidentemente que esses registros devem revelar a cidade moderna, a cidade com os edifícios imponentes, as praças e os jardins e posteriormente os equipamentos que tanto simbolizaram o moderno: as luzes, os postes, a cidade iluminada.

As primeiras luzes da Cidade da Parahyba se acendem no ano de 1822 com 20 lampiões alimentados com azeite de mamona<sup>22</sup> e instalados na frente de principais prédios públicos:

<sup>21</sup> Brizuela, 2012, p. 25.

<sup>22</sup> A mamona recebe no Brasil outras denominações, como rícino, carrapateira, bafureira, baga e palma-criste. A planta, a mamoneira é xerófila (planta adaptada às condições secas) e heliófila (planta que necessita de muita luz), tendo como provável origem a Ásia. Foi introduzida no Brasil durante a colonização portuguesa por ocasião da vinda dos escravos africanos, mais especificamente no Nordeste pelas condições climáticas favoráveis.



palácio do governo provincial, o quartel, igrejas e conventos. A iluminação era muito restrita, limitando-se a alguns pontos da Cidade Alta<sup>23</sup>.

O serviço de iluminação na cidade analisada continuou deficiente por toda a primeira metade do século XIX, resumindo-se a alguns edifícios e com o funcionamento também precário. Os contratos eram feitos e posteriormente suspensos. Somente no ano de 1868 é que se tem notícias de um novo sistema, a iluminação a gás que já estava em funcionamento em algumas capitais brasileiras a exemplo de Recife e Rio de Janeiro. Em relatório apresentado à Assembleia, o então presidente da província destaca a importância da iluminação a gás na cidade, tanto pela segurança como pelo embelezamento que tal serviço proporcionará. Apesar da intenção do presidente da província e de alguns esforços somente no ano de 1885, portanto já no final do século é que a Cidade da Parahyba é iluminada com lampiões a base de querosene. Para esse serviço foi previsto “um número de duzentos combustores abrangendo o perímetro designado pelo presidente da província, que também determinaria as distâncias entre os pontos onde deveriam ser colocados os mesmos”<sup>24</sup>.

De fato, os lampiões são distribuídos pela cidade, principalmente nas ruas da Cidade Alta onde estavam os edifícios de destaque, entre estes as igrejas e os conventos. Observa-se pela imagem fotográfica datada em 1910, a Igreja das Mercês em estilo barroco com o largo onde se vê um acendedor do lampião. Esta igreja foi uma das demolidas no início do século XX quando se instalam os trilhos dos bondes elétricos. (Figura 3).

Na Cidade da Parahyba a história da iluminação pública no que diz respeito à fonte energética acompanha as mudanças ocorridas no Brasil assim sintetizada:

Quanto à fonte energética, num primeiro momento os lampiões a óleo vegetal, mineral ou animal foram utilizados. Num segundo momento, o querosene e o gás. E, a partir do desenvolvimento das lâmpadas elétricas, a energia elétrica viria a se firmar como fonte confiável de energia para alimentação das lâmpadas para iluminação pública<sup>25</sup>.

Na primeira década do século XX, muito embora já existissem luzes na cidade, estas não a tornaram plenamente iluminada. Além de serem poucas luzes, o serviço não funcionava durante toda a noite, tendo hora para acender e hora para apagar. As mudanças não imprimem um outro traçado na morfologia urbana. A imagem fotográfica, elemento técnico moderno revela, todavia uma cidade onde predominam as igrejas, um casario colonial, com casas unifamiliares de telhado em duas águas, portas e janelas frontais. Esta é a paisagem da Cidade da Parahyba que representa a “cultura dominante”<sup>26</sup> até a segunda década do século XX.

<sup>23</sup> Sobre o tema consultar Maia, Gutierrez e Soares (2009).

<sup>24</sup> Maia, Gutierrez e Soares, 2009, p. 10.

<sup>25</sup> Silva, 2006, p. 10

<sup>26</sup> Cosgrove, 2012 [1989].



**Figura 3. Rua Direita, Cidade da Parahyba, 1906**

Na imagem identificam-se os lampiões afixados nas paredes externas do Colégio Liceu (a esquerda) e no edifício do Jornal A União, ambos situados na Rua Direita no entorno do Passeio Público com gradil de ferro da Figura 3. Fonte: Walfredo Rodriguez, 1962.



**Figura 4. Igreja e Largo das Mercês. Cidade da Parahyba, 1910.**

A fotografia de 1910 mostra além dos lampiões afixados nas edificações da esquina (canto esquerdo), vê-se o acendedor de lampião no Largo da Igreja das Mercês. Fonte: Walfredo Rodriguez, 1962.

## **Energia e transporte movidos à eletricidade: novas técnicas que alteram a morfologia e a paisagem citadina.**

Em estudo anterior foram analisadas as alterações na morfologia da Cidade da Parahyba no final do século XIX e início do século XX tendo-se como principais fontes de pesquisa as normativas urbanas, as notícias de jornais e os documentos oficiais. Feitos estes registros, verificou-se que tais modificações se expressam na paisagem da referida cidade. Observam-se grandes alterações na morfologia da Cidade da Parahyba nos primórdios do século XX quando são introduzidas as duas novidades técnicas: a energia elétrica e o transporte por bonde elétrico. Sem dúvida estes serviços não atingem a cidade por completo, mas modificam as suas principais ruas. Como bem escreve Lefebvre (1969), a iluminação elétrica “acentua os traços da paisagem urbana mais fortemente do que a iluminação a gás”. Assim, “a anti-natureza torna-se meio social e estabelece-se na cidade moderna”<sup>27</sup>.

Tem-se neste momento mudanças no traçado das ruas, na disposição das praças e dos largos, como também alterações na vida citadina com alterações de horários de permanência nas ruas e na circulação das pessoas. Transformações estas que se revelam na paisagem urbana e que foram apreendidas a partir das imagens fotográficas.

Datam da primeira década do século XX os contratos para a prestação do serviço de energia elétrica e do transporte movido à eletricidade e na década de 1930 serão realizadas reformas

<sup>27</sup> Lefebvre, 1969, p. 211.

urbanísticas na Cidade da Parahyba, que por conseguinte, imprimem uma outra paisagem, uma outra morfologia urbana.

Nos estudos sobre morfologia urbana, a paisagem é um dos principais elementos de análise (Capel, 2002). Desta forma, traz-se a análise da paisagem da cidade, tendo-se como principal foco as mudanças ocorridas com a introdução dos novos elementos técnicos para o serviço de eletricidade que se revelam nas imagens fotográficas. Toma-se, portanto a fotografia como documento entendido como material da memória. Segundo Le Goff (1996), os monumentos correspondem aos materiais considerados “herança do passado” e os documentos são os materiais escolhidos pelo historiador. Apesar desta classificação, o entendimento sobre o que se poderia eleger como documento e mesmo o seu significado foram sendo alterados conforme o conhecimento histórico se desenvolve. Na escola positivista, até o final do século XIX e início do século XX, o documento corresponde ao “fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica”. Além disso, acrescenta o autor, o documento “afirma-se como um testemunho *escrito*”<sup>28</sup>. Se Fustel de Coulanges já em 1862 expressava insatisfação com a definição de documento, no início do século XX com o surgimento da revista “*Annales d’histoire économique et sociale*” os historiadores manifestam a urgência em se ampliar a noção de documento. Febvre e Bloch escrevem sobre a habilidade do historiador em considerar documento objetos, materialidades e imaterialidades, não podendo, pois se restringir ao documento escrito. A partir das ideias desses e de outros autores, as imagens, a iconografia, as pinturas, os desenhos e as fotografias também passaram a ser tratadas como documentos, portanto, como fontes históricas.

Na pesquisa ora exposta, a análise deu-se sobre as fotografias produzidas nas primeiras décadas do século XX que trazem no cenário os elementos técnicos introduzidos para os serviços de iluminação e de transporte por trilhos movidos à energia elétrica.

Na Cidade da Parahyba o serviço de iluminação elétrica foi inaugurado em 14 de março de 1912. Em mensagem de 1º de março de 1912, o Presidente da Província João Machado apresenta um parecer geral sobre as condições do referido serviço, enfatizando a aparelhagem utilizada para a produção de energia elétrica e a forma como seria distribuída nos logradouros da cidade. Nesta data além da iluminação já estava previsto o serviço para transporte urbano, tendo-se encomendado os bondes elétricos que deveriam começar a trafegar logo após “a inauguração da luz”.

Sabe-se que o século XIX é caracterizado pelas grandes inovações técnicas e que neste período a modernidade ganha novas características constituindo-se em outro marco temporal. Datam desse século o início da iluminação elétrica nas cidades, do transporte sobre trilhos movidos à eletricidade e também a representação da “realidade” pela imagem fotográfica. Desta forma, a fotografia é também um elemento técnico que tal como a iluminação elétrica, provoca encantamento. Entretanto, esta também serviu “para o desencantamento da natureza e para o reencantamento dessa mesma natureza por sua proximidade com a esfera do sagrado”<sup>29</sup>.

As primeiras imagens fotográficas da Cidade da Parahyba datam do final do XIX. Contudo, a apreensão para este estudo dá-se principalmente sobre os registros do século XX, sobretudo as datadas da segunda década deste século que revelam os elementos técnicos da eletricidade:

<sup>28</sup> Le Goff, 1996, p. 537. (Grifo do autor).

<sup>29</sup> Brizuela, 2012, p. 16

postes, fios, luzes, trilhos e bondes. Os principais acervos de consulta foram o Acervo Fotográfico Humberto Nóbrega e o Acervo Fotográfico Walfredo Rodrigues. No primeiro encontram-se registros fotográficos de autorias diversas e no segundo imagens produzidas pelo próprio colecionador. No conjunto das imagens predominam representações das principais ruas e praças da cidade e que revelam as alterações no decurso histórico. Imagens fotográficas que por sua vez revelam paisagens que, segundo Luciana Martins (2001) podem inclusive possibilitar a apreensão da mentalidade, dos ideais da época.

Para a análise, o conceito de paisagem é fundante. Este compreendido a partir de alguns escritos como os de Cosgrove (1998 [1989]), Claval (1995) e Correa (2012) e pensado também enquanto elemento da morfologia urbana (Capel, 2002). De acordo com Correa e Rosendhal (1998), “a paisagem apresenta uma dimensão histórica” e também espacial. Contudo, acrescenta os autores, a paisagem “é portadora de significados, expressando valores, crenças, mitos e utopia”<sup>30</sup>. A análise da paisagem aqui busca os significados da paisagem, particularmente no que se pode apreender do que representou a instalação da energia elétrica na cidade, tanto no que se refere às luzes com aos bondes elétricos com seus fios e postes. Sabe-se que esta é apenas uma dimensão da análise, cabendo avançar posteriormente no significado destas transformações na vida e na dinâmica dos habitantes da cidade podendo também serem captadas através das paisagens que se revelam nas imagens fotográficas.

Dessa forma, apresentamos algumas imagens fotográficas da Cidade da Parahyba que possibilitam a apreensão da paisagem e revelam os incrementos técnicos – a iluminação e os bondes elétricos – somados às alterações que se fazem na morfologia da cidade.

### **Imagens Reveladas: Paisagens da Cidade da Parahyba com luzes, postes, trilhos e bondes elétricos**

Como já expressei, a paisagem revelada em uma fotografia representa uma “interrupção do tempo” ou um fragmento do tempo e da vida. O instante capturado pela máquina fotográfica poderá ser visto em um tempo que se eterniza<sup>31</sup>. Contudo é preciso lembrar que a fotografia, requer um recorte, um enquadramento feito por uma determinada pessoa em um momento específico. Há uma escolha, uma intenção do que se pretende mostrar, fazer-se conhecer. Assim, a paisagem que se observa através de uma imagem fotográfica, indica também o ponto de vista do fotógrafo, de onde se posicionou e qual o seu foco. O recorte dado foi uma escolha deste, mesmo que tenha sido encomendado ou direcionado. Muito embora o objetivo aqui não seja o de procurar entender as intenções dos fotógrafos, estas não podem ser desconsideradas e além disso, é preciso destacar que o nosso olhar também tem objetivos, direcionamentos e intenções na leitura e análise da paisagem. Pois, nas palavras de Claval (2012 [2004]), “o olhar do observador deve considerar tanto o pesquisador quanto o objeto que constitui a paisagem”.

---

<sup>30</sup> Corrêa e Rosendhal, 1998, p. 8.

<sup>31</sup> Kossoy 2001.



### Figura 5: Imagens da Rua Nova – General Osório, Cidade da Parahyba



Fig. 5.1 A paisagem retrata a Rua General Osório com passeios laterais e pavimentação. No centro da rua estão os postes de iluminação elétrica. O foco dá-se na direção da igreja matriz, posteriormente catedral. O casario sem recuo frontal e lateral permanece com as portas e janelas que permitem olhar a rua. Neste fragmento vê-se a introdução do equipamento moderno – a iluminação com energia elétrica – mantendo a tranquilidade da vida cidadina, com pessoas na janela e na porta, poucas se deslocando.

Fonte: Rodriguez, 1962.



Fig. 5.2 O olhar do fotógrafo também se direciona para a igreja matriz. Porém seu ponto de origem é o final da rua após o prolongamento que ocorre nos anos 1910. A imagem data de 1920. Observa-se que os passeios foram arborizados. O edifício a direita é parte traseira do Palácio do Governo. No canto direito está a Praça Venâncio Neiva e na sua extremidade o coreto. Parte da rua, a mais próxima da igreja, está iluminada por luzes em postes que dispostos no centro da rua. É o momento das praças e jardins iluminados pela energia elétrica. Fonte: Acervo Humberto Nóbrega cedido por Marília Dieb.

No final do século XIX e destacadamente nas primeiras décadas do século XX, a Cidade da Parahyba recebe incrementos e obras que expressam o anseio da elite governante por transformá-la em uma cidade moderna. Ruas são abertas com traçado regular - a exemplo da Rua João Machado no Bairro Trincadeiras (Cidade Alta) -, outras são alargadas, igrejas são demolidas e os largos são transformados em praças e jardins. O início deste movimento é marcado pela inauguração do Jardim Público no antigo largo dos jesuítas (posteriormente denominado largo do Palácio) em 1879. Tal aspiração é interpretada por Murilo Marx (1999) ao escrever sobre a criação dos jardins nas cidades brasileiras: “pode-se dizer que são mesmo recente em nossa paisagem cidadina – e, laicos modernamente, testemunham com seu aparecimento o aumento do circuito das terras voltadas ao gozo público”<sup>32</sup>. Assim, a construção de um jardim público e de praças concretizava a aspiração por uma cidade moderna. (Figuras 5, 6 e 7).

<sup>32</sup> Marx, 1999, p. 132.



**Figura 6: Jardim Público/ Praça João Pessoa, 1910, 1934**



1910 – Lado direito do Jardim Público, atual Pr. João Pessoa vendo-se o antigo gradil, ao fundo o velho Lyceu, a torre da Conceição e o Palácio do Governo.

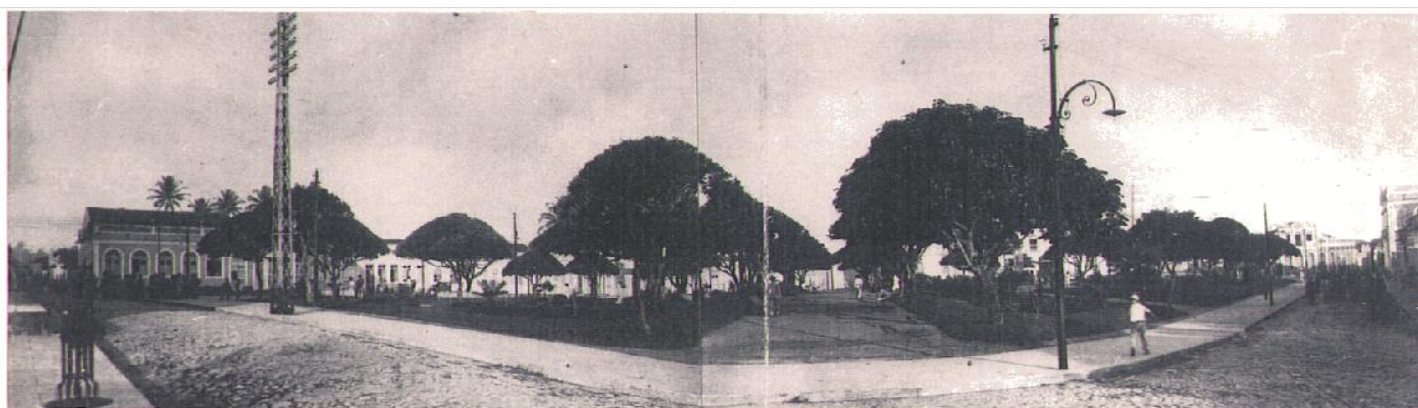
Figura 6.1. Fonte: Rodriguez, 1962.



Figura 6.2. Fonte: Acervo Humberto Nóbrega, cedido por Marília Dieb.

As imagens eternizam duas paisagens de um mesmo espaço. O que permanece: o local da praça, o seu recorte espacial; o edifício do Palácio do Governo, o prédio do Liceu, a torre da igreja e as palmeiras imperiais. Na imagem do lado esquerdo o Jardim Público em 1910 está cercado pelo gradil, ao fundo vê-se um único bloco de edifício: o palácio (antigo seminário dos jesuítas), a igreja com a torre e um pouco da lateral do Liceu. Na imagem do lado direito (1934), a praça já recebeu outra denominação: Praça João Pessoa, os gradis foram retirados nos anos 1930. Acompanhando o traçado dos canteiros encontram-se os bancos e os postes de iluminação. A igreja já não existe, restando a sua torre como testemunho do antigo edifício. A iluminação compõe o ornamento da praça.

**Figura 7: Praça Pedro Américo, 1918.**



Praça Pedro Américo na Cidade Baixa (Varadouro), ajardinada e adornada em 1918. Nesta imagem, a paisagem revela a arborização da praça, o casario no seu entorno que se mantém no estilo colonial, com portas e janelas frontais. Destacam-se dois tipos de equipamentos técnicos instalados para a iluminação: uma grande haste de metal que serve de distribuição da rede elétrica e um outro no canto direito da imagem, mais decorado e que completa o desenho da praça. O poste mostra-se como um adorno. Já o primeiro interfere na harmonia da paisagem.

Fonte: Acervo Humberto Nóbrega, cedida à Marília Dieb.

A presença notória dos postes marcou época. Quando a empresa canadense, a Light, se instala no Brasil, mais especificamente em São Paulo e no Rio de Janeiro, a sua presença precisava ser destacada, assim, são instalados “os charmosos postes da Light”. Em São Paulo, os “postes da Light deixaram a cidade com um ar de imponência, a partir de 1927.” A sua fabricação dava-se “de forma artesanal com ferro fundido, recebiam brasões pintados de dourado que remetiam à República brasileira, armas ou mesmo flores estilizadas em ferro”. As primeiras lâmpadas de descarga e posteriormente a tecnologia incandescente surgem na década de 1930. Entretanto, os níveis de iluminação das primeiras lâmpadas incandescentes eram um pouco melhores do que os de uma vela. Houve sem dúvida um grande aprimoramento deste elemento<sup>33</sup>.

Mesmo sem a qualidade e a beleza dos “postes da Light”, os utilizados para a iluminação pública na Cidade da Parahyba ganham detalhes, com hastes mais delicadas e suportes de lâmpadas mais rebuscados. Estes se fizeram presentes defronte aos edifícios públicos mais imponentes como o Palácio do Governo e também nas praças que passaram por reformas ganhando um novo jardim e novos adereços, entre eles os postes com lâmpadas que acendiam com a energia elétrica.

Na paisagem da Praça João Pessoa de 1934, ao ampliarmos a imagem do poste (Figura 8), observamos que se trata de um poste sem adornos rebuscados, um dos estilos mais simples utilizado na época, contudo, era padronizado, o que denota a preocupação com o ordenamento e também com o embelezamento da cidade, além da utilização do serviço moderno, ou seja, a iluminação elétrica.



Fig. 8.1. Detalhe da imagem da Praça João Pessoa. Poste padronizado em estilo simples iluminação elétrica.



Fig. 8.2. Detalhe da imagem da Praça Pedro Américo. Poste em altura elevada com haste adornada para suporte da lâmpada utilizando energia elétrica.

### **Figura 8: Detalhe dos postes: Praça João Pessoa, 1930; Praça Aristides Lobo, 1918.**

Fonte: Acervo Humberto Nóbrega. Imagens cedidas por Marília Dieb.

A diversidade dos equipamentos técnicos para a iluminação pública dependia de fatores técnicos, estéticos e políticos. O técnico diz respeito diretamente ao tipo de fonte de energia e da engenharia necessária para o seu funcionamento. O estético condiz com a aspiração da elite

<sup>33</sup> Revista O Setor Elétrico, Edição 69, Outubro de 2011

citadina e dos seus gestores que tinham como modelo as cidades europeias. É o que atestam Passos e Emídio ao escreverem sobre a iluminação na cidade de São Paulo no período de 1889 a 1930:

A elite europeizante, que ocupava os cargos públicos, desejava modernizar a cidade. E a iluminação como mobiliário urbano, vinha que como dar o toque final de refinamento, até mesmo de certa ostentação, ao neoclássico e ao ecletismo dos edifícios públicos e dos novos bairros residenciais, e à remodelação paisagística dos parques e jardins<sup>34</sup>.

A introdução da iluminação e dos bondes movidos com energia elétrica impulsionaram as reformas urbanísticas nas grandes cidades. No Brasil, o Rio de Janeiro com a reforma de Pereira Passos nos primeiros anos do século XX é o grande marco da projeção da Modernidade no cenário urbano. As obras para instalação dos serviços urbanos – saneamento e energia elétrica – se somaram à abertura da Avenida Central: “para a implantação definitiva, como fator de modernização, da iluminação pública elétrica, cuja alimentação do sistema, de origem térmica, era fornecida por uma pequena usina instalada na Rua da Alfândega”. Porém a preocupação com a insuficiência da geração de energia levou à utilização de um sistema misto utilizando-se o gás e a eletricidade:

Em todo o canteiro central da avenida foram instalados postes altos para a época, compostos na parte superior por três luminárias elétricas de arco voltaico. [...].

A implementação e instalação crescente de pontos de luz em logradouros públicos, de cabos elétricos, de trilhos de bonde, de condutos de gás e de linhas telefônicas sob o controle da Light, moldaram a nova fisionomia do Rio de Janeiro entre 1905 e 1930, fazendo com que a cidade fosse ainda mais admirada. [...]<sup>35</sup>.

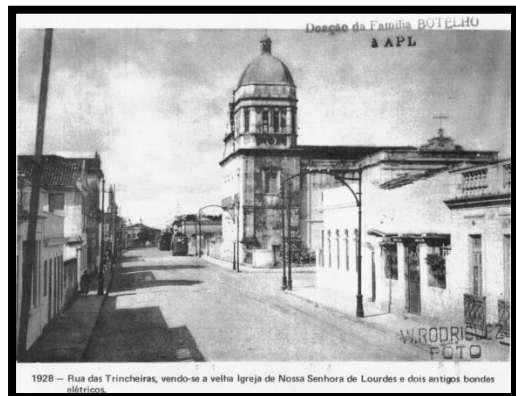
O fornecimento de energia elétrica na Cidade da Parahyba pela Usina de Luz Elétrica localizada em Tambiá inicia-se como já mencionado no ano de 1912. Neste mesmo período os bondes que até então eram por tração animal passam a ser movidos pela eletricidade. As linhas partiam da Cidade Alta e seguiam as principais direções da cidade: Tambiá (Norte-Nordeste), Trincheiras (Sul) e Varadouro (Oeste). Os equipamentos para a iluminação e para os bondes elétricos exigiram alterações na morfologia, alterando a paisagem citadina. A imagem fotográfica da Rua das Trincheiras, uma das principais ruas de expansão localizada na Cidade Alta revela uma paisagem alterada pelos equipamentos modernos: postes, trilhos e bondes. Na imagem não se identifica o tipo de luz, ou mesmo a sua presença. Mas observa-se a existência de postes diferentes nos dois lados da via, pela imagem, do lado direito os postes com fios para o movimento dos bondes e do lado esquerdo estão outros postes mais simples que podem ser os de suporte das luzes. Destaca-se que por se tratar de uma via estreita, os postes não são instalados no centro da rua, mas sim nas suas laterais, nos passeios. A imagem permite ainda observar que como outros já anteriormente anotados, estes suportes possuem uma base que quanto mais ornamentado, mais detalhes possuía. Tal identificação só poderá ser feita utilizando-se outro tratamento fotográfico. Porém, é importante registrar a existência destes detalhes, do padrão utilizado e a sua disposição ao longo das vias. (Figura 9).

No centenário da independência do Brasil, inaugura-se na Cidade da Parahyba a Praça da Independência no Bairro de Tambiá, no prolongamento da Avenida Tambiá. Tal incremento

<sup>34</sup> Passos e Emídio, 2009, p. 108

<sup>35</sup> Mendonça, 2004, p. 43-46.

impulsiona a expansão da cidade no sentido leste. Nessa praça ergue-se um coreto de grande porte na borda que dá para a citada avenida. Ao ser instalada a energia elétrica e os bondes elétricos, a paisagem e a morfologia modificam-se substancialmente. A fotografia de autoria de Walfredo Rodriguez com data de 1934 desvela tais incrementos e alterações na paisagem. Além dos postes para a iluminação pública, destacam-se os trilhos e o próprio bonde elétrico. Este registro fotográfico possibilita a leitura da paisagem de época anterior. (Figura 10).



**Figura 9: Rua das Trincheiras, 1928**

Imagem da Rua das Trincheiras. A paisagem revela a rua com aparatos da utilização da energia elétrica, em destaque os postes com fios para a tração dos bondes e os trilhos. No lado direito da foto, no segundo plano destaca-se a Igreja Nossa Senhora de Lourdes e ao fundo os bondes elétricos. Fonte: Rodriguez, 1962.



**Figura 10: Praça da Independência, 1934**

Praça da Independência vista desde a Rua Tambiá com o foco para o coreto e para a extensão da rua. Postes para a iluminação pública e para o movimento dos bondes localizados no centro da via. Os trilhos também são incrementos técnicos modernos que imprimem alterações na paisagem e, por conseguinte na morfologia urbana. Fonte: Rodriguez, 1962.

Os anos 1930 são marcantes na história da cidade, tanto pelas modificações que se deram desde os anos 1910, como pelos acontecimentos políticos cujas consequências culminam no assassinato do então presidente da província e na mudança do nome da cidade em sua homenagem. É assim que em 1930 a Cidade da Parahyba passa a ser denominada de João Pessoa. Os acontecimentos mesmo que não sejam observados nas imagens expostas são também responsáveis pelas mudanças das paisagens, pois “as paisagens não foram cegamente construídas por atores tão influenciados pelo momento que não projetassem para o futuro. Cada decisão tomada para delimitar os terrenos, abrir uma estrada, erguer uma construção resulta de especulações sobre o futuro (...)”<sup>36</sup>

Pelo exposto, afirma-se que os resultados da pesquisa conferem o que já se supunha: As ruas e as praças mais fotografadas da cidade são as que foram inicialmente iluminadas e que também receberam os trilhos dos bondes elétricos. Nas ruas mais largas observa-se que os postes foram fixados no meio da via, dividindo-a. Em outras eles passam a compor os passeios de um lado e do

<sup>36</sup> Claval, 2012 [2004], p. 265 -266.



outro da rua restringindo o caminhar dos pedestres. Os fios seguem interligando os postes pelas principais vias, praças e largos. Postes estes que apesar da relativa simplicidade são padronizados e alguns adornados. Os trilhos dos bondes elétricos seguem acompanhando as calçadas que já encontram alinhadas. A paisagem que se retrata nas imagens fotográficas averiguadas mostra a introdução dos elementos técnicos junto ao casario preexistente permitindo a coexistência de testemunhos de tempos diversos em um espaço que se transforma.

## Bibliografia

- CENTRO DA MEMÓRIA DA ELETRICIDADE NO BRASIL. A vida cotidiana no Brasil moderno: a energia elétrica e a sociedade brasileira (1880 – 1930). Rio de Janeiro: Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, 2001.
- BERMAN, Marchall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BRIZUELA, Natalia. *Fotografia e Império. Paisagens para um Brasil Moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- CAPEL, Horacio. *La morfologia de las ciudades. I. Sociedad, cultura y paisaje urbano*. Barcelona: Serbal, 2002.
- CLAVAL, Paul. *La Géographie Culturelle*. Paris: Nathan, 1995.
- CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (eds.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012; p. 245 – 276.
- CORREA, Roberto Lobato. *Paisagem e Geografia*. Alves, I. In: Lemos, M. J. ; Negreiros, C. (Org.). In *Literatura e Paisagem em Diálogo*. Rio de Janeiro, Edições Makunaíma (UERJ), 2012.
- CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Apresentando leituras sobre paisagem, tempo e cultura. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.) . *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 7 -11.
- COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo das paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro : EdUERJ, 1998 [1989], p. 92-123.
- COSGROVE, Denis. Mundos de significados: geografia cultural e imaginação. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- LEFEBVRE, Henri. *Introdução à Modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996
- LIRA, Bertrand de Souza. *Fotografia na Paraíba*. João Pessoa : Editora UFPB, 1997.



- MAIA, Doralice Sátyro. *Tempos lentos na cidade: permanências e transformações dos costumes rurais na cidade de João Pessoa-PB*. São Paulo, 2000. Tese. Universidade de São Paulo.
- MAIA, Doralice Sátyro; GUTIERREZ, Henrique; SOARES, Maria Simone Moraes. A iluminação pública da Cidade da Parahyba: século XIX e início do século XX. *Fenix Revista de História e Estudos Culturais*, v. 6, Ano VI, n. 2, abril-maio-junho, 2009. [[http://www.revistafenix.pro.br/PDF19/Artigo\\_03\\_Doralice\\_Satyro\\_Maia.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF19/Artigo_03_Doralice_Satyro_Maia.pdf)] Acesso em 15 de dezembro de 2014.
- MARX, Karl. Speech at anniversary of the People's Paper. In: MARX, K. ; ENGELS, F. *Selected Works, Volume One*, p. 500. Moscow, USSR: Progress Publishers, , 1969 [1856]. [<https://www.marxists.org/archive/marx/works/1856/04/14.htm>] Acesso em 25 de janeiro de 2015.
- MARX, Murilo. *Cidade no Brasil em que termos?* São Paulo: Studio Nobel, 1999.
- MENDONÇA, Leila Lobo de. (Coord.). *Reflexos da cidade: iluminação pública no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, 2004.
- PASSOS, Maria Lúcia Perrone de Faro; EMÍDIO, Teresa. *Desenhando São Paulo: mapas e literatura 1877 – 1954*. São Paulo: Senac, 2009.
- REVISTA O SETOR ELÉTRICO, Edição 69, Outubro de 2011.
- RODRIGUEZ, Walfredo. *Roteiro sentimental de uma cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1962.
- SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: Edusp, 2002.
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SILVA, Lourenço Lustosa Fróes da. *Iluminação Pública no Brasil: Aspectos Energéticos E Institucionais*. Rio de Janeiro, COPPE/UFRJ, Programa de Planejamento Energético, 2006.